

A MENINA QUE AMAVA FUTEBOL

Ilan Brenman

© Lucia Serrano



Resenha

Ana tinha sete anos e até que gostava de brincar de boneca, pular corda e jogar amarelinha, mas amava o futebol acima de qualquer coisa. Sempre acompanhava Mateus, seu irmão mais velho, ao campinho do lado de casa: o jogo era para ela uma verdadeira paixão. Quando pediu aos meninos para jogar também, porém, a resposta foi não, para tristeza da garota. Foi então que seu irmão propôs que Ana fosse a juíza do jogo. Com apito no pescoço, um cartão amarelo e um cartão vermelho – os jogos do bairro ficaram muitíssimo mais emocionantes, com um ar profissional.

Certo dia, porém, o sonho da menina finalmente foi realizado: ao se dar conta de que um dos jogadores tinha faltado por conta de uma gripe, Ana, que já tinha conquistado o respeito da turma com sua atuação como juíza, anunciou que jogaria no lugar dele. Para o espanto dos meninos do grupo, a garota, que todos achavam que não passaria de uma jogadora “café com leite”, se revelou uma artilheira incisiva como poucas: logo em seu primeiro jogo marcou um golão. Não demorou muito até que todos os outros times passaram a disputar a jogadora mais talentosa da região.

Em *A menina que amava futebol*, Ilan Brenman conta a história de uma garota talentosa que, simplesmente por ter nascido menina, encontra dificuldades para realizar seu sonho de jogar bola.



Coordenação:
Maria José Nóbrega

De Luciana Alvarez,
mãe e jornalista

Trinta anos atrás eu frequentava um colégio exclusivamente feminino que proibia as alunas de jogar futebol. O colégio hoje é misto e o futebol está liberado por lá. Há 30 anos o Brasil já era o país do futebol, mas atualmente é também o país da maior jogadora de futebol de todos os tempos, Marta, que foi eleita sete vezes a melhor do mundo. Eu imaginava que, com essas três décadas de aprendizados, seria fácil para uma menina hoje jogar futebol. Mas não é bem assim.

A menina que amava futebol é um livro lindo, com ilustrações cativantes, texto fluido. Mas, para mim, o mais importante da leitura foi descobrir um segredo que minha filha escondia: assim como a Ana, ela queria muito jogar futebol. No caso da minha filha, ela queria jogar junto com os meninos da escola na hora do recreio. Não há nenhuma norma escolar que a impeça de jogar, mas há algumas regras não ditas do costume. Só meninos jogam. E ela não tinha coragem de pedir pra jogar também.

Minha caçula, com seis anos, acompanhou a história inteira sem dar um pio, sem fazer nenhum comentário, mas com os olhinhos bem atentos. Também fez qualquer observação espontaneamente ao final da leitura. Mas, quando eu perguntei sobre o assunto, ela confessou que morria de vontade (e de vergonha) de pedir para participar do futebol.

Logo de cara, Ana não conseguiu entrar em campo da maneira que gostaria. Sendo mais nova e a única menina da turma, conquista seu espaço pelas brechas, ganha a confiança dos meninos aos poucos, se enturma cada vez mais. Com jeitinho, vai driblando os preconceitos até conseguir uma posição no time. Aqui em casa, tentamos nos mirar no exemplo da Ana e bolamos algumas estratégias para vencer o desafio.

Ao final de uma semana de tentativas e conversas, minha filha finalmente pôde entrar em campo! Ela encontrou uma colega de classe que também tinha vontade de jogar bola e, juntas, as duas ganharam forças, para pedir para participar. E foram aceitas.

Uma das coisas mais importantes de ler com meus filhos é aprender sobre os sentimentos e desejos deles. Um objeto tão simples, um livro, pode ter um impacto enorme nas nossas vidas. Foi por causa de *A menina que amava futebol* que hoje sei que minha caçula gosta de jogar futebol e, assim, posso apoiá-la para conquistar seu espaço. Um livro transformou de alguma forma a relação entre as crianças na escola onde estuda, ainda que elas não tenham lido a história da Ana.

Ah, meu filho mais velho gostou da história. Ele defende que meninas e meninos podem perfeitamente jogar juntos e contou que na escola dele isso até já acontece – ufa! Ele mesmo, porém, tem interesse quase nulo em futebol. E está tudo bem também. Meninas têm o direito de gostar de futebol e meninos têm o direito de não dar nenhuma bola.



Um pouco sobre o autor

Ilan Brenman tem um amor profundo pelas mais diversas narrativas. Esse afeto está ligado diretamente à origem do autor, pois ele é israelense, naturalizado brasileiro, filho de argentinos, neto de poloneses e russos. Psicólogo de formação, Ilan é mestre e doutor pela Faculdade de Educação da USP, já ministrou centenas de cursos e palestras pelo país afora, sempre discutindo a importância das histórias lidas e contadas oralmente na vida de bebês, crianças, jovens e adultos. Possui mais de 50 livros publicados (além de vários no exterior), entre os quais *Até as princesas soltam pum* (Brinque-Book, 2008), seu *best-seller*. Muitas das suas obras ganharam selos de Altamente Recomendável da FNLIJ, além de participarem do catálogo da Feira de Bolonha, Itália. Em 2019, tornou-se autor exclusivo da Editora Moderna. Para saber mais sobre o autor, acesse: www.bibliotecailanbrenman.com.br.

Leia mais

Do mesmo autor

- ✦ *O mistério de Daniel*. São Paulo: Moderna.
- ✦ *O pó do crescimento*. São Paulo: Moderna.
- ✦ *A dobradura do samurai*. São Paulo: Moderna.

Do mesmo gênero e assunto

- ✦ *O menino que brincava de ser*, de Georgina da Costa Martins. São Paulo: DCL.
- ✦ *A história de Julia e sua sombra de menino*, de Christiane Bruel, Anne Galland e Anne Bozellec. São Paulo: Scipione.
- ✦ *Coisa de menina*, de Pri Ferrari. São Paulo: Companhia das Letrinhas.
- ✦ *Eugênia e os robôs*, de Janaína Tokitaka. Rio de Janeiro: Rocco.

 MODERNA

